

Ecologia, bandeira para presidenciais

Preservação do ambiente tornou-se um assunto vital e candidatos mostram-se despreparados

MÔNICA TORRES MAIA

BRASÍLIA — Um assunto sempre tratado como folclore nos gabinetes políticos do País transformou-se, nesta primeira corrida eleitoral à Presidência após quase 30 anos, num ponto vital de campanha. A defesa do meio ambiente, tradicionalmente vista como bandeira de meia dúzia de barbudos com calça jeans puidas, foi travestida de smoking pelos assessores dos presidenciais e vai paulatinamente ganhando as ruas para conquistar votos.

O motivo é um só: as agressões ecológicas agora representam corte de dólares. O governo José Sarney foi pego de surpresa pelos credores internacionais e lançou às pressas um pacote, o Programa Nossa Natureza, para acalmar-lhes os ânimos. Não adiantou. "Este governo não tem legitimidade", bradam unânimes os candidatos à cadeira presidencial.

Mas, se a preocupação é demonstrada nas plataformas do governo, nos discursos ou nos programas de tv, falta a todos identidade com a causa. Os presidenciais falam desconfortavelmente sobre a questão, recorrendo, na maioria das vezes, a assessores especializados. Limitam-se a torpedear o governo Sarney, pois não se arriscam a comentar um pacote de que pouco ou nada conhecem. Só sobre um ponto todos concordam sem pestanejar: a preservação ambiental é importante, porém deve acompanhar o desenvolvimento brasileiro. Uma premissa a que o Ministério das Rela-

ções Exteriores hoje já se agarra com unhas e dentes.

De esquerda ou direita, acreditando ou não no fantasma, presidenciais de todos os matizes são visceralmente contrários à internacionalização da Amazônia ou de qualquer infimo pedaço do território nacional. Peso pesado nas atuais pesquisas, o alagoano Fernando Collor de Mello rejeita a tese e garante que a internacionalização é alimentada pelo próprio governo. "Está sendo cometido um crime de lesa-pátria, deixando milhões de toneladas de minérios ser drenados para fora do País", acusa.

Outro candidato a herdar o manto juscelinista, o empresário paulista Afif Domingos (PL) condena a Polícia Federal, que, "em vez de estar atacando firme os contrabandistas de ouro, está aí para prender pequenos comerciantes que não obedecem a tabelamentos demagógicos". E acrescenta: "Sarney está misturando a preocupação ecológica com um jogo de interesses econômicos".

Ulysses Guimarães lembra o passado pouco recomendável dos países que hoje criticam o Brasil. E alerta: "Querem nos manter subdesenvolvidos". O tucano Mário Covas apóia: "Vamos respeitar o meio ambiente, mas vamos desenvolver a Amazônia. Somos soberanos", reafirma.

"O governo só não pode usar a soberania nacional para justificar sua falta de política", pondera, mais acidamente, o gaúcho Leonel Brizola. A impressão de Luiz Inácio Lula da Silva é que o governo Sarney tenta unir o povo em torno da defesa de um território "falsamente" brasileiro: "Já há muita multinacional na Amazônia", constata.



César Diniz/AE-29/7/88

Preservação da Amazônia: unanimidade entre candidatos que desconhecem o assunto